

Perdemos o Direito de Errar? Reflexões sobre IA Generativa e a Autenticidade no Processo de Aprendizagem

Marcelo Soares Loutfi¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Informática (PPGI)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Rio de Janeiro, RJ – Brazil

marcelo.loutfi@edu.unirio.br

Abstract. *This article describes an experience in a mobile development class where generative AI influenced the students' work, resulting in perfect but inauthentic texts. Only one work, filled with errors, showed genuine reflection. In the article, the author questions the value placed on artificial perfection and argues for the importance of error and authenticity in personal expression and the learning process.*

Resumo. *O presente artigo relata uma experiência em uma turma de desenvolvimento móvel, onde a IA generativa influenciou a produção dos alunos, resultando em textos perfeitos, mas sem autenticidade. Apenas um trabalho, repleto de erros, demonstrou reflexão genuína. No artigo, o autor questiona a valorização da perfeição artificial e defende a importância do erro e da autenticidade na expressão pessoal e no processo de aprendizagem.*

1. Licença para Errar

Quero compartilhar um relato de algo que aconteceu comigo no ~~começo~~ final do semestre passado em uma turma de desenvolvimento móvel em uma instituição de ensino onde dou aula. Pega a visão da atividade: os alunos, organizados em grupos de três, deveriam criar dois wireframes de uma aplicação móvel. Mais do que apenas desenhar telas, a intenção era que eles debatessem entre si as decisões de design mais legais para suas soluções e refletissem sobre os impactos dessas escolhas na experiência do usuário. Então o objetivo no fim das contas era um texto reflexivo que trouxesse as impressões e justificativas sobre os wireframes que eles desenvolveram.

Como a turma era grande, foram formados onze grupos, e eu tava esperando que essa dinâmica incentivasse uma troca genuína de ideias, explorando a criatividade e a capacidade crítica dos alunos. Só que, quando chegou a hora de avaliar os trabalhos, me deparei com um negócio que me deixou perplexo: ~~quase~~ quase todos os textos estavam impecavelmente escritos, sem erros de português. À primeira vista, isso poderia parecer positivo, mas logo percebi uma coisa bem esquisita. Por trás daqueles textos polidos, estava a presença silenciosa da IA Generativa.

Os textos eram repetitivos, prolixos e, curiosamente, todos utilizavam a palavra “crucial”, como se essa fosse a chave para dar um tom de seriedade ao trabalho. Além disso, a originalidade e autenticidade pareciam ter sido substituídas por uma perfeição artificial e pasteurizada, sabe! Ao invés de reflexões genuínas, encontrei um discurso previsível, com as mesmas fórmulas e frases feitas, sem a marca individual de cada grupo. Estava claro para mim que os alunos se preocuparam muito mais em entregar um trabalho

que parecesse bacana aos olhos do professor (no caso eu), do que em desenvolver uma análise crítica e pessoal sobre o que haviam criado.

Só que um trabalho em especial, dos onze avaliados, acabou chamando minha atenção por um motivo completamente oposto. O trabalho estava repleto de erros de português, com frases confusas, mas trazendo reflexões simples e autênticas, ele parecia o único a não ter sido feito por um chatGPT da vida. E foi ali que minha cabeça explodiu, fiquei completamente confuso e pensei: e agora? como avaliar esses trabalhos? O que eu deveria valorizar? A correção técnica dos textos ou a autenticidade do trabalho mal feito? Quem merece uma melhor pontuação?

Este relato foi intencionalmente elaborado para ser provocativo. Optei por escrever seguindo o fluxo natural da minha consciência. Além disso, decidi fazer uma revisão parcial do texto, mantendo uma estrutura informal e assumindo deliberadamente a “licença para errar”. Essa escolha visa provocar uma reflexão desconfortável no leitor, destacando a importância da autenticidade em um contexto cada vez mais dominado pela perfeição artificial. O texto é inteiramente meu, sem interferências externas. A seguir, apresentarei reflexões que emergiram dos dilemas no processo de avaliação relatado.

2. A IA generativa impõe seus padrões estéticos

Em um cenário dominado pelas redes sociais, onde o ângulo certo e o filtro perfeito ditam as regras, a estética pessoal passou a ser moldada por padrões inatingíveis. Aplicativos de edição de fotos que suavizam rugas, afinam cinturas e simetizam rostos são amplamente usados para criar versões idealizadas de nós mesmos. A Inteligência Artificial, que já dita esses padrões visuais, agora se expande para outras áreas, como a escrita, onde o ChatGPT e outras IA generativas atuam como uma nova forma de imposição estética — só que desta vez, na linguagem.

Assim como usamos a IA para tornar nossos rostos e corpos mais simétricos, suavizamos nossas expressões textuais com a ajuda de ferramentas como o ChatGPT, buscando um padrão de perfeição que me parece, no fundo, um espelho distorcido de quem realmente somos e como nos expressamos.

Quando permitimos que a IA faça uma análise crítica em nosso lugar, algo ainda mais preocupante acontece: ela sequestra nossa subjetividade. Ao fazer isso, a IA generativa não apenas reflete uma estética dominante, mas impõe um controle sutil sobre nossas subjetividades, errando em nosso lugar e, pior, nos ensinando a aceitar esses erros como normais e desejáveis. Portanto, essa imposição não se limita à estética da beleza, mas se estende também à estética da moral.

Podemos traçar um paralelo com a indústria do cinema de Hollywood na década de 1920, que começou a impor seus padrões estéticos ao mundo, definindo o que era belo, aceitável e desejável. Essa era uma forma de colonialismo cultural, em que uma única visão — ocidental, branca, heteronormativa — se espalhava e se tornava hegemônica, marginalizando outras narrativas e estéticas. Da mesma forma, a IA generativa atua como um agente colonizador no espaço digital, só que muito mais agressivo, pois ela rouba a nossa subjetividade e substitui pela dela, suprimindo nossa liberdade de reflexão, de expressão e, principalmente, de errar.

3. Discussão e Indagações Sobre o Processo de Aprendizagem

A imposição estética da IA generativa cria uma zona de controle invisível e constante, onde a aparência, a uniformidade e a perfeição técnica são estabelecidas como normas. Nesse ambiente, a autenticidade dos alunos é silenciada, restringindo a liberdade criativa e o erro, elementos essenciais para o aprendizado e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Tal cenário produz um ciclo propício à desumanização dos espaços educacionais. Em vez de fomentar um ambiente autônomo e livre para experimentação, o processo de aprendizagem se transforma em algo controlado e conformista, já que muitos educadores parecem estar acomodados a essa nova realidade. A ausência de erros nos trabalhos dos alunos é frequentemente vista como um indicador de sucesso, o que revela uma mudança preocupante nas expectativas educacionais. Quando o foco se desloca para textos esteticamente polidos, o conteúdo genuíno, embora imperfeito, é muitas vezes negligenciado — e, em alguns casos, até penalizado.

Essa situação nos leva a refletir sobre o futuro da educação diante da crescente influência da IA. Como podemos reintroduzir o erro como uma ferramenta valiosa no processo de aprendizagem? E qual deve ser o papel dos professores na recuperação da autenticidade dos alunos, devolvendo-lhes as vozes silenciadas pela perfeição artificial promovida pelas ferramentas de IA generativa?

4. O que a Contracultura nos Ensina?

A contracultura dos anos 1960 e 1970, representada por movimentos como o beatnik, o punk e a arte pop, se levantou contra as normas sociais e estéticas da época, celebrando a imperfeição, o erro e a autenticidade como atos de rebeldia e autolibertação. Esses movimentos rejeitaram a estética polida e comercial, optando por expressões cruas, espontâneas e muitas vezes desconcertantes, que iam na contramão do que era considerado “aceitável”. Ao confrontar os padrões hegemônicos, a contracultura nos ensina a resistir à uniformidade imposta pela IA generativa, reivindicando o direito de falhar, de ser imperfeito e de se expressar de maneira autêntica.

No Brasil, a contracultura se manifestou de diversas maneiras, destacando-se o Cinema Novo e o Cinema Marginal como duas expressões particularmente subversivas que desafiaram os padrões estabelecidos. Enquanto o Cinema Novo rompeu com a estética hollywoodiana, rejeitando narrativas estereotipadas e imagens idealizadas, o Cinema Marginal levou essa subversão ao extremo, explorando estéticas caóticas, anti-heroicas e provocativas. Esse movimento frequentemente incorporava a improvisação para desafiar tanto o público quanto a crítica, rejeitando qualquer controle sobre a linguagem cinematográfica e afirmando a liberdade criativa como um ato de resistência radical ao status quo.

Assim como os artistas beatnik que escreviam sem revisões, abraçando o fluxo de consciência e os erros como parte do processo criativo, e cineastas do Cinema Novo e do Cinema Marginal que desafiaram convenções cinematográficas com estéticas cruas e improvisadas, podemos repensar práticas educativas para priorizar a experimentação, a reflexão crítica e a liberdade de expressão. Em sala de aula, isso pode significar valorizar textos e algoritmos que mostram vulnerabilidade, ideias inacabadas e questionamentos em vez de respostas perfeitas e polidas.

Foi por esse motivo que decidi relatar a experiência da turma de desenvolvimento móvel de maneira quase autêntica: para resgatar a beleza do erro e desafiar a imposição estética da IA generativa. Ao expor minha experiência sem recorrer a revisões excessivas e abraçando as dúvidas e falhas que fazem parte do processo, busquei questionar a padronização imposta pela IA e estimular um olhar mais crítico e humano sobre o meu processo de avaliação.

Vocês talvez estejam se perguntando: como, afinal, os alunos foram avaliados? E se deixássemos essa pergunta suspensa no ar, para debatermos com mais calma em um belo fim de tarde na Urca, enquanto o sol se despede atrás do Cristo e as águas da Praia Vermelha refletem os últimos tons dourados do dia? Que essa dúvida se torne um convite à reflexão.

Descrição do Autor

Marcelo Soares Loutfi é um pesquisador e professor com mais de 20 anos de experiência em docência nas áreas de Ciência da Computação e Sistemas de Informação. Ele foca em explorar a interseção entre tecnologia, ética e impacto social, com um interesse especial em design especulativo. Sua pesquisa é fortemente influenciada por teorias emergentes de pensadores neomaterialistas, como Quentin Meillassoux, Donna Haraway, Karen Barad, Graham Harman e Bruno Latour, além da pós-fenomenologia, destacando-se seu estudo sobre a Teoria da Mediação Tecnológica de Peter-Paul Verbeek.